2.º Anno — Lisboa, 31 de Maio de 1886 — Numero 46

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

A MÃE E AS FILHAS

(ROCHEDOS DO MAR POLAR)

SUMMARIO

CHRONICA

A' hora a que principiamos a escrever esta chronica, o sr. provinciano regressa ao seu lar, cheio de festas e de encontrões.

De dinheiro é que provavelmente não vae cheio, porque o gastou em Lisboa, semeando-o um pouco prodigamente para vêr tudo e para ser pisado por todos.

Ah! meus caros srs. provincianos, desenganem-se de que não são precisamente os dias de festas os melhores para fazer um passeio até Lisboa. Nós, os que temos cá a nossa casa, incommodamo-nos por esta occasião, andamos massados, e mais temos aqui á mão os nossos pantufos e a nossa *robe-de-chambre*, a nossa cama e a nossa cadeira de braços. Ainda assim, tamanha teve de ser a perturbação dos nossos costumes, estamos fatigados. Mas os srs. quanto o não estarão mais do que nós! Os srs. estavam fora da sua casa, longe dos seus moveis e dos seus chinellos, os srs. correram seca e méca por essas ruas e por esses bairros desde o Aterro até ao Jardim Zoologico, desde Alfama até Belem, os srs. comeram á pressa e comeram caro—maneira de dizer que foram talvez comidos—dormiram pouco e gastaram muito, e ainda por cima são obrigados a dizer que se divertiram, a dizel-o aos outros, embora o não pensem!

Só para a cavaqueira do serão, com os parentes e com os visinhos, levam os srs. provincianos muito que contar dos ultimos dias.

A toirada agradou-lhes decerto,—embora, para conquistarem um logar, ou antes uma porta—porque o difficil n'aquelle dia era entrar—tivessem de fazer prodigios de Sansão.

Aposto que V. Ex.ª, sr. morgado, deu o seu murrosinho? Ah! seu maganão, um dos seus murros, por tal signal, apanhei-o eu em cheio... no vasio. O sr. queria entrar, eu queria a mesma coisa, cem pessoas mais queriam o que nós queriamos, e o sr. entendeu que a melhor maneira de ir conquistando o ingresso era desfazer-se dos concorrentes a murro.

Mas, para descargo de consciencia, devo dizer-lhe que eu endossei o seu murro, recebido do lado direito, a um sujeito, que estava na turba, á minha esquerda. O qual sujeito foi, por sua vez, passando o murro recebido a outros sujeitos com quem estava em contacto.

Ainda assim, sr. morgado, eu fiquei prejudicado no jogo, porque o seu murro foi maior do que o meu.

Assim, esmurraçando o proximo em geral e a mim em particular, chegou o sr. a ver as pégas, que foram valentes, os cavallos e os cavalleiros, os toureiros e os touros.

Na noite d'esse mesmo dia, v. ex.ª, sr. morgado do murro, poude ver as illuminações e os fogos do Tejo.

Hein! Espectaculo grandioso, imponente, por certo. Quem tem um rio como o Tejo, tem sempre á disposição um magnifico theatro para estes dramas de regosijo official. Com uma pouca de habilidade na *mise-en-scene* está o espectaculo arranjado, e é sempre bom. Ora o talento da *mise-en-scene* não faltou. Hade confessar, sr. morgado Sansão, que o Tejo estava simplesmente deslumbrante, parecendo alguma coisa d'esses contos de fadas em que se descrevem festas phantasticas, naus luminosas que chovem bagas de oiro sobre a corrente de um rio, emmoldurado em amplas margens cujos contornos se recortam em arabescos refulgentes.

O Tejo era isso, n'essa noite, elle, o velho Tejo, habitualmente um pouco sôrna e um pouco sujo, quiz affirmar n'aquella noite a sua vitalidade tradicional conhecida pelas chronicas, unicos monumentos que parecem destinados a sobreviver á nossa passada grandesa maritima.

Vendo-se n'essa noite, com o seu manto azul constellado de scintillações prismaticas, comprehendia-se que tivesse sido outr'ora o ponto d'onde partiam as gloriosas expedições navaes do seculo XV e onde recolhiam em triumpho os mais ousados marinheiros que o mundo tem visto.

Cada foguete que desabrochava no ar chorava lagrimas de luz sobre a magestade do Tejo,—lagrimas, mas de ouro, como devem de ser as de um potentado decadente no dia em pretende realisar uma festa, que não envergonhe o passado, embora não possa resuscital-o.

Se eu disser ao sr. morgado que as *baterias de salchichões*, annunciadas no programma, me fizeram lembrar, quando as vi arder, do infante D. Henrique, de Bartholomeu Dias e de Vasco da Gama, o sr. morgado desatará decerto a rir.

Pois é verdade que fizeram, e sonhei por momentos, sentado n'um palanque a cinco tostões por cadeira—que Vasco da Gama tinha voltado a primeira vez da India n'aquelle dia, e que toda essa festa, toda a alegre celeuma da multidão, era para o receber a elle, que dorme reduzido a esqueleto o seu derradeiro somno na egreja dos Jeronymos, talvez a par de Camões, o grande cantor das nossas glorias maritimas, se é que são elles, e não outros, que estão nos Jeronymos...

Sim, sr. morgado Sansão, eu sonhei acordado n'aquella noite, olhando para o Tejo, e foi o pregão dos jornaes da noite que me chamou de todo á realidade.

Então acordei de vez e... e aborreci-me. Fui de mau humor para casa, constipado e impertinente, e adormeci espirrando.

Devo aquelle sonho a Vasco da Gama, e aquella constipação ao Tejo.

Mas, que diabo! por muito mal que me faça o Tejo, não posso nunca despresal-o.

No dia seguinte fui ás corridas de cavallos a Belem, não tanto para vêr os cavallos, como para vêr o Tejo, que é deveras formoso na sua amplitude magestosa, visto do hyppodromo.

Era então o sol que fazia as despezas da illuminação, mas o Tejo é sempre bello com qualquer illuminação que deixe cahir sobre elle os seus raios brilhantes ou pallidos.

Quem venceu? Este *quem* refere-se a um cavallo qualquer. Não sei, não fiz apostas. O sr. morgado talvez apostasse e talvez perdesse. Eu não perdi pela simples rasão de não ter apostado.

Para mim, quem ganhou, foi elle, o Tejo, que esteve toda a tarde deliciosamente tranquillo, como um cavallo em descanso, repousando da canceira com que outr'ora galopou sob o dorso dos galeões descobridores, cuja quilha franjava de espumas frementes.

A tarde ia cahindo n'uma placida somnolencia, o hyppodromo principiava a despovoar-se, algum vapor descia lentamente em direcção á barra, os cavallos, exhautos e suados, recolhiam ás cavallariças, só o Tejo, elle, forte na sua fraqueza, grande na sua decadencia, continuava a correr, sempre a correr, corcel aquoso, sempre vencedor, mesmo na sua prostração de vencido...

ALBERTO PIMENTEL.

RECORDAÇÕES DE UM JORNALISTA

O CORREIO DE HOJE—O BRAZIL

Prometti no ultimo artigo contar-lhes a historia de um jornal *que não existio*. O que appareceu, porém, no artigo, foi *«jornal que não existe»*. E' um dos muitos erros de imprensa que fervilham no artigo anterior, e que não emendo, porque julgo insupportavel e inutil uma errata. Para se fazer idéa porém das desgraças que me succederam no ultimo artigo, basta dizer-se que saio *contribuição de presos* por *contribuição de guerra*, *traço*, por *fraco*, e até *Desdemona* por *Ophelia*.

Ha uma entidade, que é, póde dizer-se, desconhecida nos jornaes portuguezes—é o revisor. Esmera-se um pobre jornalista em aprimorar o seu estylo, vae-se a lêr na folha impressa, e vê que um erro estupido lhe estragou a sua melhor phrase, lhe fez perder o seu melhor effeito.

Esta desastrada collaboração dos srs. compositores e do sr. revisor na obra dos jornalistas é um infortunio exclusivamente portuguez. Em toda a parte se percebe que uma revisão esmerada é um elemento essencialissimo da prosperidade de um jornal. Vejam se podem imaginar o *Figaro* mal revisto, os artigos de *Ignotus* inçados d'estas insupportaveis gralhas, que mancham os mais formosos artigos do jornalismo portuguez! Era um horror.

Os compositores ás vezes são terriveis, mas um revisor mau é mil vezes peior. O compositor transtorna uma palavra que fica inintelligivel, e o leitor logo comprehende que está alli um erro de imprensa: mas o revisor, que emenda torto, põe naturalmente ás costas do author as asneiras que lhe são devidas a elle. Conta-se que, na revista estrangeira de um jornal de Lisboa, se fallava uma vez nos *cossacos do Don*. Os compositores transformaram isto em *casacas do Don* Veio um revisor que entendeu que devia emendar *os casacas do tom*. Veio outro que, julgando a phrase incorrecta, modificou da seguinte forma: *os janotas do tom*. E o jornal do dia seguinte contou aos seus leitores estupefactos que «os janotas do tom, debaixo do commando do general Gourko, deram uma carga brilhantissima nas planicies da Dobrutscha.»

Esta anedocta pode ser legendaria, mas caracterisa perfeitamente o mal que pode fazer a um desgraçado escriptor a collaboração imprevista de um revisor com somno.

Não é applicavel esta minha observação ao meu ultimo artigo. Supponho que as provas, revistas por mim, chegaram tarde, e que não houve tempo de se fazerem as emendas indicadas. Emfim, paciencia! Estou já costumado a ver os jornaes em que escrevo desfigurarem completamente o meu pensamento, graças á minha detestavel calligraphia e á precipitação com que tudo se faz entre nós.

Veio esta jeremiada a proposito da historia de um jornal *que não existio*. Historia de *jornaes que não existem* é o que eu tenho estado a fazer, e não valia a pena deitar para este annuncio especial.

Vamos porém ao caso.

Um dia, entre os jornaes que affluiam ao escriptorio do *Monitor Portuguez*, vejo eu a *Correspondencia de Hespanha*, jornal que se vendia nas ruas por um preço infimo.

— Se fizessemos um jornal assim! disse eu para Cesar de Noronha.

—Apoiado! bradou elle com enthusiasmo.

Não foi necessario mais nada. Em dois dias estava tudo combinado, e no numero immediato do *Monitor Portuguez* appareceu em letras enormes o seguinte annuncio:

Correio de Hoje

DIARIO DE NOTICIAS

A phrase *«Diario de Noticias»* era o sub-titulo, servia unicamente para indicar o genero do jornal, que devia ser exclusivamente noticioso.

Depois seguiam se as condições da assignatura, a declaração de que se venderia nas ruas a 10 réis o numero, etc., etc.

A affluencia das assignaturas foi consideravel; mas em todo o caso, o jornal não se podia lançar sem haver capitaes.

O *Monitor Portuguez* lá ia andando porque era hebdomadario, mas o *Correio de hoje* precisava de sair todos os dias, e os fundos eram, por conseguinte, indispensaveis.

Os capitalistas, com a intelligencia que os caracterisa, abanavam as orelhas. O dinheiro não apparecia e o tempo ia correndo.

Assim chegámos ao fim do anno de 1863.

A idéa, que nos occorrera, occorrera tambem a outros. O pensamento que presidira á creação da *Correspondencia de Hespanha* e á do *Petit Journal*, foi acolhida por pessoas mais habilitadas do que nós para realisarem essa tentativa. No dia 1 de janeiro de 1864 o *Diario de Noticias* fazia a sua apparição, e encetava a sua felicissima carreira.

Concorreu de certo muitissimo para a sua prosperidade o acerto com que esse jornal foi dirigido e redigido pelo meu excellente amigo Eduardo Coelho. E' certo porém que o primeiro jornal, que apparecesse em Lisboa com essa indole, devia de ter por força um excellente acolhimento e uma carreira venturosa.

E ahi está como o *Correio de hoje* morreu antes de nascer, e não morreu mouro, porque nós o baptisámos.

Quando eu vejo agora Cesar de Noronha, director das *Messageries de la presse étrangère*, a vender, no seu escriptorio da rua do Ouro, numeros do *Figaro* e do *Gaulois*, pergunto-lhe pelo *Correio de Hoje*, e oiço uma tremenda descompostura pregada por elle nos capitalistas imberis, que não quizeram comprehender o magnifico negocio que se lhes propunha.

Não quero passar adiante sem consagrar duas linhas de necrologio a um jornal, que teve a sua hora de celebridade, e que se intitulava o *Brazil*.

Foi um jornal de combate, e de combate sem treguas nem misericordia. Fundado pelo sr. Antonio de Castilho para defender os interesses portuguezes no vasto imperio americano, vio-se obrigado a sustentar uma pugna tenaz contra uns sugeitos, que, levantando no Pará a bandeira da nacionalisação do commercio a retalho, queriam expulsar d'essa provincia o elemento portuguez. Esse partido anachronico tinha um orgão especial,—a *Tribuna*, e na *Tribuna* escrevia, entre outros, um sugeito chamado João Cancio, a quem eu fiz a troça mais descabellada que nunca se fez na imprensa a um desgraçado qualquer.

Este João Cancio não tinha nem idéas, nem estylo, nem senso commum. Declarára guerra aos Portuguezes, e prégava a sua expulsão na linguagem mais estapafurdia d'este mundo, e em nome das mais estranhas e das mais singulares theorias, se este nome se póde dar ás concepções de uns espiritos sem illustração e sem criterio, que procuravam dar na imprensa expressão e voz aos odios inconscientes do povo paraense.

Discutir com elles a sério seria um trabalho perdido. Chamei em meu auxilio a grande arma da ironia, ou antes fiz-lhes uma troça de estudante, que é o termo proprio. Apupei-os, deilhes gebadas, *apepinei-os* emfim de um modo verdadeiramente horroroso. Elles em troca arrojavam contra mim as mais extraordinarias injurias, espumavam, tornavam-se cada vez mais ridiculos, e eu não os poupava. Nunca mais soube o que fôra feito d'elles, do seu partido, nem do seu jornal.

No Pará continua sempre a haver um velho fermento de odio contra os portuguezes, mas as grandes coleras d'esse tempo estão aplacadas. Aquelle estado de hostilidades não podia tambem durar por muito tempo. A presidencia do sr. Gama Abreu, hoje barão de Marajó, brazileiro illustradissimo, amigo verdadeiro dos portuguezes, e homem de um alto bom senso pratico, de certo contribuiu bastante para esta pacificação. Hoje creio que se não falla em nacionalisação do commercio a retalho, e o odio contra os portuguezes apenas se revela n'uma ou n'outra rixa particular, que a policia reprime. O tempo das terriveis luctas passou talvez para sempre.

Devo comtudo a esse combate, sustentado com tenacidade e energia, as sympathias numerosas que me glorio de contar no Pará. E' que por muito tempo, os meus artigos foram a alegria e a consolação d'aquelles nossos pobres compatriotas, bastante abandonados pelo nosso governo, e que escutavam com jubilo essa voz que ia da Europa vingal-os com o sarcasmo da perseguição constante a que ali andavam expostos. Essa sympathia foi-me por muitas vezes manifestada, de um modo altamente honroso, e glorio-me de lh'a ter merecido. Eu tenho, pelos nossos compatriotas residentes no Brazil, uma verdadeira, sincerissima e desinteressada estima. Não mantenho com elles senão simples relações jornalisticas, mas prezo devéras esses homens, para quem o nome da patria não é uma palavra vã, que se ufanam com tudo o que pode engrandecer Portugal, que se affligem com tudo o que o deprime, que estão promptos sempre a auxiliar qualquer idéa generosa e grande, que vibram como as cordas de uma harpa eolia, quando passa por elles a brisa que lhes vae d'aquem-mar, levando-lhes, como a emanação fragrante das flores de Portugal, uma recordação da patria, e lembro-me com saudade do Brazil, onde tive a honra de sustentar por alguns mezes a causa um pouco abandonada d'esses nossos fieis irmãos.

PINHEIRO CHAGAS.

O FUNERAL DO BEZOIRO

(IMITAÇÃO)

A M. Duarte d'Almeida

Morto, bem morto, o bezoiro
lá ia puchado á cova!
Sem soar a triste nova,
sem ir em carro funereo,
negro da morte, se loiro
já fôra, o triste bezoiro
ia assim ao cemiterio...

Nem amigo, nem parente,
que venha aqui reverente
sagrar-lhe prantos de dôr!
Parece não teve amor
pelo bosque ou pelo prado,
que venha aqui hoje absorto
a vêl-o depois de morto:
—Coitado!

Quem sabe se por amiga
aquella doce formiga,
que assim o vae arrastando
á cova com passo brando,
no mundo da bicharia
elle apenas contaria!
Quem sabe se foi amado
emquanto novo viveu,
e, quando velho, morreu
de todos abandonado:
—Coitado!

Ai! pobres dos infelizes,
que nunca lançam raizes
a terra que, bemfazeja,
os avivente e proteja!
Sem oasis, sem matizes
arrastam a negra sorte,
quer na vida, quer na morte,
ai! pobres dos infelizes!

Vae cansada, ao que parece,
a doce formiga, vae;
ou quem sabe se ella agora
pensará que já é hora
de murmurar-lhe uma prece,
de soltar por elle um ai!
Mas vem de certo cansada,
que é grande o pezo que traz,
nem por si só é capaz
de ir mais adiante:
—Coitada!

Passam as suas amigas,
esse bando de formigas;
vae a todas uma a uma,
segredar-lhes não sei quê...
vae de certo ver se alguma
faz a piedosa mercê
de pegar ali de um lado
no cadaver congelado
do seu querido bezoiro,
que não tem nome nem oiro...

Mas, que resposta!? que horror!
e que impiedade, Senhor!
Tombou de susto. Fugida
anda agora, e espavorida;
já se não chega a nenhuma!

N'uma causa santa e boa
sem haver quem se condôa!
sem achar nem sequer uma!
D'um enterro em que ella é só
fallarem todas sem dó!
de todas abandonada...
—Coitada!

Entretanto, no caminho
jaz o morto ao desamparo;
ninguem n'elle faz reparo,
ninguem lhe presta um carinho.
Ella, a sua carpideira,
vae tambem ser a coveira
d'aquelle morto, que leva
ali, como em funda treva,
a cabecita tombada,
mãozitas postas em cruz,
como quem pede a Jesus,
e á Virgem Santa adorada,
pela formiga...
—Coitada!
E lá torna a vêr se póde
mover o cadaver frio.
Limpa as patitas, sacóde
as azitas delicadas...
Mas nem com forças dobradas
daria qualquer desvio
áquelle cadaver frio!

Cae na lucta de cansada;
e por fim, desenganada
que só por si não podia
ir levar á cova fria
aquelle corpo insepulto,
cobre-o de folhas de loiro,
como quem cobre um thesoiro
que fica a todos occulto.

E lá vae; mas, como é noite,
terá perto onde se acoite
até vir de madrugada
cumprir aquella missão,
que reputa a mais sagrada
da sua religião...

E por fim quem sabe a magua
que nos olhos rasos de agua
a fará penar de dôr!

Tamb.m ella sente amor,
e vive tambem magoada!
—Coitada!

BERNARDO DE MADUREIRA.

D. FELICIANA DE MILÃO

(1642—1705)

(CONCLUSÃO)

Ora, o marquez de Rezende, recapitulando no seu «Outeiro Nocturno» os ditos agudos das damas que assistiram ao sarau musical, dado no fim do seculo passado no solar das Picôas, pela familia Freire de Andrade, diz com ares de quem não admitte replicas, que a elle estivera tambem presente a discreta freira de Odivellas, Maria do Monte, que *«com o mesmo desgarre com que, pouco antes, a encontrara n'uma egreja, respondera a um taful que lhe pedira um cravo que levava na mão:* «tome-o lá, que por um cravo não quero que lhe caia a ferradura» *dissera ali ao altissimo mestre-sala que lhe tomara a vista:* Oh! senhor Conde, já que é d'Almada, passe para a outra banda.»

Como se vê, o marquez de Rezende tomou como cousa original um plagiato da freira de Odivellas, Maria Monte, feito a D. Feliciana de Milão, que morrera em 1705, uns bons oitenta e tantos annos antes do dia em que Fernando Martins Freire de Andrade, (o dono da casa das Picôas) applaudia, em companhia dos melhores poetas do tempo, o apocripho *calembourg* da freira Maria do Monte com que esta convidava o conde d'Almada a não lhe tirar a vista!

Voltemos agora á verdadeira calembourista, á azougada D. Feliciana de Milão, mulher que teve por seu padrinho e fiador litterario um qualificador do Santo Officio, em quanto que a pobre freira D. Maria do Monte apenas apresenta como seu abonador o marquez de Rezende, um secular sem pergaminhos para decidir em caracter negocios de palratorios de freiras.

Travou-se um dia de rasões D. Feliciana com uma freira de origem hebraica, *infecta nação* lhe chama o frade que archivou a anedocta, por ella não querer occupar um officio da communidade, e dizendo-lhe a offendida: Que era capaz de o fazer melhor que todas, porque era muito, muito rica» retrucou-lhe a despiedosa interlocutora: «E para *assar* muito boa» alludindo á ascendencia da christã-nova, e ás formas pouco amenas porque a Inquisição resolvia as pendencias entre os bons catholicos e os miseros que eram accusados de pertencer á *nação infecta!*

Mas a nossa D. Feliciana de Milão nem sempre denunciava tão ruins figados. A sua palavra acerada e caustica, folgava as mais das vezes com os assumptos comicos, e era com phrases festivas que, nas horas vagas de resar no côro e cumprir os demais deveres conventuaes, que ella alegrava as freiras de Odivellas, já de si pouco casmurras, e procurando as occasiões propicias para desafogarem no riso o peso das macerações conventuaes.

A critica de D. Feliciana de Milão não tinha pêas, nem poupava classes. Raro era o prégador que se arriscava a subir ao pulpito da egreja de Odivellas que a arguta freira não mimoseasse com um epigramma dos seus, fazendo rir a communidade á custa da lerdice, ou da rhetorica manca de suas reverendissimas. D'um dos taes religiosos que no mosteiro prégara o sermão do Evangelista com demasiada pompa de estylo, e não menor abundancia de lamurias, e no mesmo anno pela Semana Santa

OS IRMÃOS DA PRINCEZA AMELIA D'ORLÉANS

PRINCEZA HELENA

PRINCIPE DE ORLÉANS

PRINCEZA IZABEL

PRINCEZA LUIZA

pregára o sermão da Paixão, muito desenfastiadamente dizia D. Feliciana: «A primeira vez que ouvi este padre foi na festa do Evangelista, e logo me pareceu ser prégador de *paixões*.»

O trocadilho, porém, era o forte da endiabrada monja. Ai de quem deante d'ella se não acautelasse com a lingua, ou não tivesse conta com as acções, que logo lhe caia em cima o raio de um dito cortante como uma espada, ou torneado de modo que desorientava as mais fleugmaticas das suas victimas.

Conta-se que um dia tivera D. Feliciana dasavenças sérias com D. Anna de Moura, (a) irmã de Gil Vaz Lobo, e como este insistisse na pendencia, não querendo dar-se por vencida, aquelle lhe dissera, em tom semi-sério e semi-comico: «Se vos não aquietaes, dou-vos com vosso irmão, *(Gil-Vaz)* pela cara.»

Não era este, com certeza, o melhor meio de dar cumprimento á humildade que o Evangelho tanto recommenda, mas quando a mostarda subia ao nariz de D. Feliciana, não era ella mulher para graças.

A promessa de dar um gilvaz na cara de uma companheira de clausura, é, apesar de tudo, menos digna de reparo que as duas bombas que ella, sendo ainda secular, deixou rebentar na egreja de S. Roque contra duas peccadoras, que de certo por lhe não conhecerem o desembaraço da replica, foram imprudentemente esbarrar com ella.

Confesso que estive até agora hesitando se devia ou não devia pôr em letra redonda as as duas medonhas chicotadas com que D. Feliciana de Milão vergalhou duas delambidas que casualmente lhe sairam ao encontro, mas deliberei-me a perder a vergonha, escudando-me com os exemplos do padre mestre Frei João de S. Pedro e do pudico Suppico, (b) que ambos, antes de mim, deram publicidade aos pouco senhoris desenfados de D. Feliciana de Milão.

Passou-se assim o primeiro dos dois casos. Um dia, em que D. Feliciana entrava na egreja de S. Roque com um guardapé verde, sahiam duas senhoras, uma das quaes trazia tambem um guardapé da mesma côr, e disse para a companheira: *Oh mana, este meu verde não é mais viçoso?* pergunta apparentemente sem maldade, mas que a D. Feliciana pareceu levar agua no bico, por que lhe respondeu de prompto: *Se é mais viçoso o seu verde, minha senhora, é por que de certo o rega mais a miúdo.*

Ahi vae, por ultimo, mais um dito da freira de Odivellas, que eu guardei para fecho e sêllo do seu vasto reportorio, por exceder um pouco as regras do decoro, e não ser precisamente da maxima benevolencia para com o proximo,

Entrando D. Feliciana um dia de festa em S. Roque, antes de ser freira se entende, e vendo as creadas que certa dama muito valida na côrte se não queria erguer para lhes dar passagem, se enfadaram, tentando passar além, ao que accudio D. Feliciana, dizendo: «*Deixae-a, deixae-a, que não se levanta de graça quem se deita por dinheiro!*» (c)

Foi depois de haver posto em circulação estes e outros que taes remoques, que D. Feliciana escreveu o seu discurso sobre a pedra philosophal, de que falla com encarecimento o abbade de Sever, e as epistolas *discretas e doutas* a que se referem os contemporaneos, dizendo um d'elles que bem mereciam o beneficio da estampa, por ser mais gloriosa a collecção d'ellas, de que o estavam já sendo os seus apothegmas.

Pelo que diz respeito ás cartas, tendo eu lido em um livro contemporaneo, que existiam algumas, manuscriptas, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, (d) fui em sua procura, encontrando com effeito umas oito ou dez, em um pequeno masso com este rotulo «*Cartas de D. Feliciana Milão, ou que se lhe attribuem*» o que me fez esfriar o desejo de as ler, e mais ainda perder de todo o animo para as copiar.

Entre as cartas a que me refiro, ha uma, que o sr. Alberto Pimentel já transcreveu e publicou no livro que tem por titulo «*O capote do senhor Braz*» que é realmente curiosa, e não desdiz no estylo da maneira de dizer de D. Feliciana Milão, que como vimos, andava sempre de férula em punho, castigando com agudezas e sarcasmos as pessoas que tinham a desgraça de cair no seu desagrado.

Entre as cartas attribuidas a D. Feliciana, ha uma, que diz respeito ao Padre Antonio Vieira e ao sermão por elle prégado no anniversario natalicio da rainha D. Maria Sophia Izabel de Saboya, em 22 de junho de 1668, tendo então a supposta auctora trinta e seis annos de edade, em que o grande prégador é satyrisado sem dó nem piedade; anda-lhe porém appensa uma outra carta, em que a sarcastica freira repelle a injuria que se lhe fez, attribuindo-se-lhe um papel que não é seu, embora corresse com o seu nome.

Na carta de desmentido diz, com fundado orgulho, D. Feliciana: «*Se a forma do papel assim o desmente de meu*—por incorrecto e vulgar—*a materia d'elle me alhea ainda com mais forçosas rasões, por que quem entende o que falla, não falla o que não entende, e as mulheres, como não sabemos da missa metade, podemos, quando muito, chegar ás Epistolas, mas nunca aos Evangelhos*».

Esta ultima phrase: *que as mulheres chegam quando muito ás Epistolas, mas nunca aos Evangelhos*, é visivelmente da freira que prometteu dar um *gilvaz* em D. Anna de Moura, e do dito ao clerigo que prégou em Odivellas o sermão da Paixão.

A carta de D. Feliciana é, não só erudita, mas engenhosa, não só engenhosa, mas digna da mulher que accode pelos seus creditos litterarios, e que não pretendeu de manchar os do primeiro orador do seu seculo.

Disse eu algures, n'esta mesma escripta, que a opinião publica se avesava inscientemente a attribuir todos os bons ditos incertos, ou todas as chocarrices sem paternidade conhecida, á pessoa que uma vez dissera um luminoso acerto, no primeiro dos dois casos, ou áquella que por tontice se denunciára uma vez como capaz de proferir um desconchavo.

Assim cuido tambem havel-o entendido D. Feliciana, quando depois de expor as rasões com que se defende da feia nodoa que lhe attribuiam de pretender vituperar o padre Vieira, accrescenta:

«*Parece que bastam estes sabios para tirar da minha opinião a feia mancha de quem a quiz applaudir, na malicia de o intentar enxovalhar. Veremos agora se com este exemplo deixam de me imputar papeis indecentes, e confesso me falta já a paciencia para trazer em lavramento meu juizo, duas vezes pelas decimas de outro madrasso, que quiz achar o meu nome em versos muito parvos, medidos com palhinha; outros com estes desatinos, que só tiveram de meus o que me custaram em vistas, com ditos indecorosos, e sensabores, que os maldisentes me accommodam, fazendo de mim o que da Madre Brigida os beatos, attribuindo ao meu espirito as revelações e prophecias do seu bom ou mau animo, e declarando que não conheço por lisonja adornarem o meu appelido com as alfaias alheias: seguem-se os fiscaes, com que se me der a ociosidade para o tinteiro, não mando imprimir os meus escriptos a Veneza, porque não disse, nem direi coisa, que desminta o meu nome de*

FELICIANA.»

Esta carta salva um pouco a responsabilidade litteraria de D. Feliciana perante a posteridade. Foi ella propria quem em vida affirmou *que não queria que adornassem o seu appelido com alfaias alheias*, queixando-se tambem de lhe imputarem *papeis indecentes, e versos parvos, medidos com palhinha.*

E' pois possivel, e plausivel tambem, que muitos dos apothegmas e trocadilhos attribuidos a D. Feliciana não sejam seus, com especialidade os ultimos que acabamos de citar, e tiveram por palco a egreja de S. Roque.

O auctor do «Theatro Heroino» que se espraiou fallando a respeito de D. Feliciana, mas do que usava praticar com as mulheres celebres a quem deu agasalho no seu «Abecedario Historico» diz que estando ella quasi a morrer, e obrigando-a uma outra freira a tomar á força um caldo de gallinha, o bebêra dizendo esta graça: «Morra Martha, mas morra farta» contra a qual estou em dizer que D. Feliciana protestaria como invenção sensaborona e importuna de alguma inimiga, se a morte lhe tivesse dado tempo para repellir anedoctas.

Dizem ainda os livros de que me tenho auxiliado para tirar a limpo esta folha corrida da vida e obras de D. Feliciana de Milão, que a jovial freira não quizera deixar os seus creditos por mãos alheias, e que, para evitar mentirosas louvainhas lapidares, escrevera ella propria o seu laconico epitaphio pela seguinte forma:

«AQUI JAZ A PECCADORA»

Se ella houvesse simplesmente escripto: «uma peccadora» bem ia o caso.

(a) Esta D. Anna de Moura, é a mesma freira que Camillo Castello Branco, affirma ter substituido D. Feliciana de Milão nos devaneios amorosos de D. Affonso VI.

Teve D. Anna uma outra irmã, chamada D. Luiza de Moura, que foi abbadessa de Odivellas em 1737, e a quem outra freira, que se occulta por detraz das iniciaes D. M. C. R., dedicou um folheto intitulado: «Castalia Metrica» em que se tecem os maiores louvores á abbadessa *pelas copiosas aguas que mandou conduzir e soberba fonte de que correm no mesmo mosteiro.*

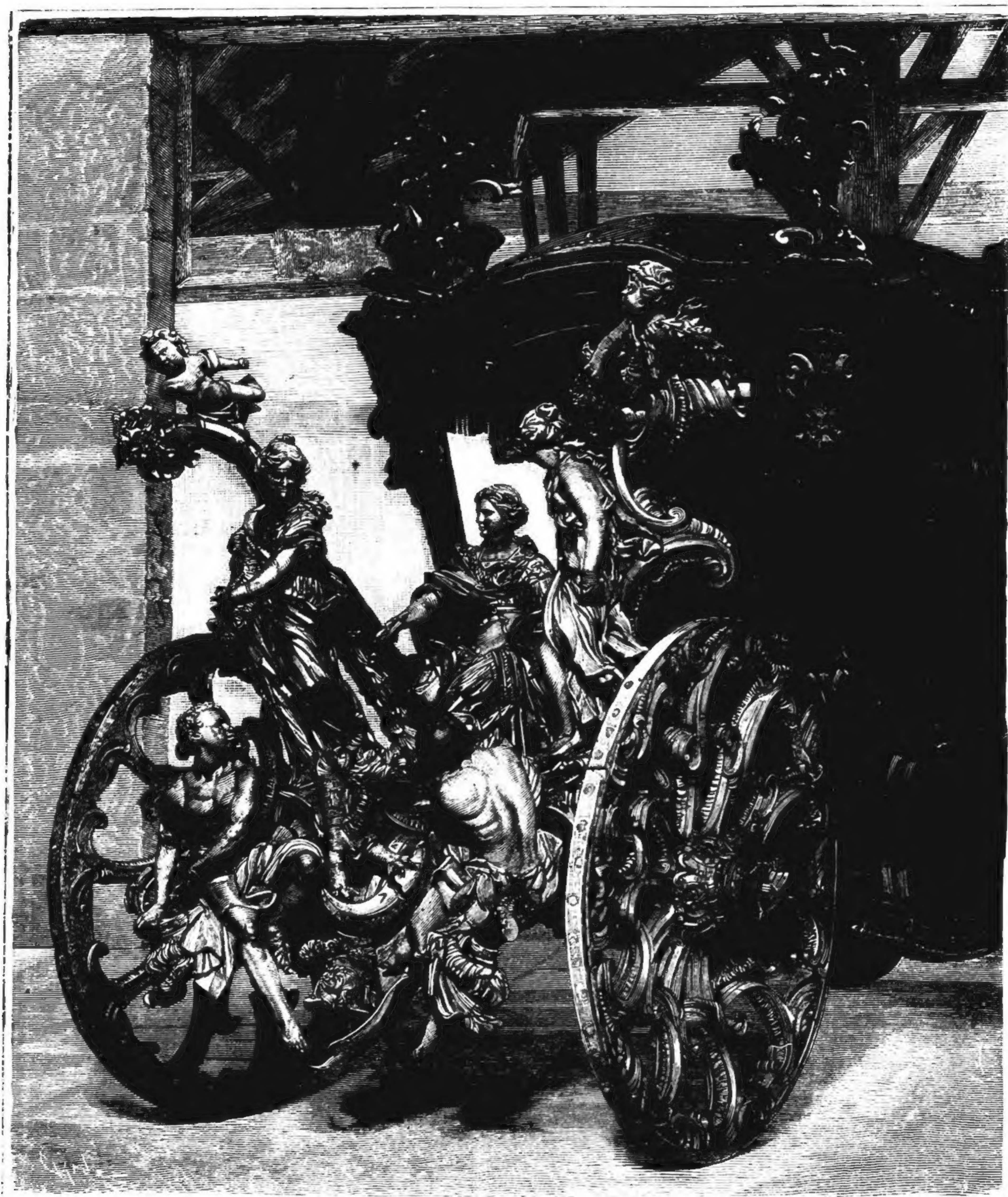
Consta o folheto de 4 sonetos, 4 decimas, e uma coisa alcunhada de romance, em verso octosyllabo, e que principia assim:

Essa fonte que lá corre
Publica está Moura excelsa;
Como não ha-de correr,
Se anda na memoria impressa.

(b) As anedotas a que me refiro veem textualmente transcriptas no «*Theatro Heroino*» de Frei João de S. Pedro; e na *Collecção moral de apothegmas, ou ditos agudos e sentenciosos*» de Padre José Suppico de Moraes.

Julgo haver-me escudado com bôas e insuspeitas auctoridades.

(c) «Summario da Bibliotheca Luzitana» t. II.

(d) «Viagens á roda do Codigo administrativo» pelo sr. Alberto Pimentel, Cap. XII. Pg. 192.

A TRAZEIRA DO COCHE DE D. JOÃO V

Era mais uma para juntar á conta das que os vermes teem roido, desde a primeira abbadessa do mais antigo dos mosteiros de freiras, até á mais somenos e mais moderna das madres reposteiras; mas declarar-se «a peccadora», por excellencia foi um excesso de galhofeira humildade, que não podia ter deixado estabelecidos em solidas bases os já abalados creditos do convento de Odivellas.

L. A. Palmeirim.

JEANNE THILDA

Precisamente no mez em que eu a vi pela vez primeira em Paris, faz agora um anno, no maio das rosas, dos lyrios e das grandes papoulas vermelhas e balsamicas, que os parisienses adoram, Jeanne Thilda caiu, bruscamente ferida pela morte!

Hontem, em quanto as bandeiras tremulavam no ar, os foguetes agitavam no azul do espaço os seus pennachos de fogo, a multidão se desdobrava em ondas nas ruas bordadas de flores, de luzes, de mastros empavezados, fui buscar o retrato da pobre Mathilde Stevens, (*Jeanne Thilda*), e estive recompondo na memoria a phisionomia loira, suave e pallida d'essa alegre parisiense, que parecia caminhar na vida em um sonho estrellado.

E todavia, no fundo d'essas pupillas azues, que nos acariciavam e attrahiam, escondia-se o doloroso segredo de uma hora de mortal agonia, de uma d'essas horas decisivas na existencia de uma mulher, de que ella sae morta, ou transfigurada.

Jeanne Thilda casara, aos 15 annos, com um homem que a não entendera, a quem ella pela sua parte não comprehendeu.

A incompatibilidade que os separava um do outro, fez com que os seus corações não podessem nunca identificar-se.

Um dia, Mathilde Stevens sorriu a um amor que murmurou ao seu ouvido enlevado a linguagem inebriante da paixão, que povoou de seductoras visões os sonhos da sua alma sedenta de ideal.

O marido surprehendeu o segredo d'esses amores, fez uma scena violenta á esposa, maltratou-a brutalmente e separou-se para sempre d'ella, deixando-lhe duas filhas.

Desde esse dia, por um dos singulares caprichos a que é tão sujeito o coração feminino, a eterna sphinge a que ninguem conseguiu ainda arrancar a palavra mysteriosa, Mathilde Stevens começou a amar apaixonadamente o homem que era seu marido, que trocara por outro, em um momento de doloroso desencanto, de enervante fraqueza, de louco desvario, e que nunca mais deveria tornar a ver. Essa paixão estranha, salteada de terriveis revoltas, tomou posse do coração de *Thilda* e absorveu-o todo.

Foi então que a pobre alma infeliz se voltou para a Arte, como essas grandes flores amarellas, da familia do quartzo hyalino, se voltam para o sol.

Mathilde Stevens, ou antes *Jeanne Thilda*, porque era este o seu nome de guerra, debutou nas lettras com um livro encantador, uma deliciosa collecção de vilanelas rimadas, intituladas *Froufrous*. Pouco depois, Jeanne Thilda entrava de cabeça erguida no *Gil Blas* e conquistava, de um dia para o outro, um dos primeiros logares n'esse jornal profundamente parisiense, redigido por tudo quanto a França litteraria possue de mais brilhante e espirituoso. As chronicas rendilhadas pela finissima penna de *Jeanne Thilda*, impregnadas de um delicado aroma feminino, vibrando de uma subtil ironia, ligeiramente melancolica, collocaram logo na larga evidencia da publicidade de Paris, isto é da publicidade do mundo inteiro, o nome da mulher que ao lado de Catulle, de Banville, de Silvestre, de Rochefort, de Fouquier, de Ulbach e outros, cubriu da gloria do seu bello talento complexo e fantasioso o jornal que a elegera para sua collaboradora.

Mas o grande triumpho de *Jeanne Thilda* eram os contos, umas pequeninas historias perfumadas como um sachet de *ess bouquet*, umas historias que ella contava como ninguem, com uma graça vagamente rabelaisiana, com um raro bom gosto intuitivo que deixava tudo advinhar sem nada esclarecer, com uma adoravel delicadeza de traço esbatido a espaços na doce meia tinta da melancolia.

Com que delicioso deleite de artista eu comecei a traduzir esses formosissimos contos, simultaneamente espirituosos e ternos, maliciosos e tristes! ..

O primeiro conto obteve logo um successo: o nome de *Jeanne Thilda* começou a vibrar no ouvido do leitor portuguez; a sua prosa esmaltada e tenuissima, como uma d'essas pequeninas obras primas trabalhadas em marfim pela consummada pericia de um japonez, principiou a ser procurada com avidez nos nossos jornaes, como já o era ha muito nas folhas francezas.

Faziam-se commentarios ácerca do nome de *Jeanne Thilda*; houve quem suppozesse que esse nome era o pseudonymo de Catulle Mendès. E quando eu enfiava pelas columnas do *Diario Illustrado* e *Illustração*, com o um festão de Lera picada de botões de rosa, a serpentina prosa de *Jeanne Thilda*, estava ainda longe de pensar que teria um dia, em Paris, o jubilo de apertar-lhe a mão e de mostrar-lhe os seus contos, traduzidos em portuguez.

Lembro-me, como se fosse hoje, da nossa primeira e unica entrevista, em casa de madame de Rute.

Fallarei mais tarde detidamente d'esta notavel escriptora da sua obra tão finamente parisiense, no livro em que estou reunindo as impressões da minha viagem a capital da França, n'esse livro que ha muito deveria estar publicado, se a boa fé de um editor incauto o não houvesse deixado cair no barathro de uma typographia portuense, que deveria escrever á porta a legenda do inferno dantesco...

Era (recordo-me perfeitamente!) o dia da recepção na casa da Rua Logelbach.

Conversavamos no meio da sala, em um grupo onde estava Camille Delaville, madame Gagneur, a auctora da *Fourmis*, Gabriella Loge, uma rapariga hollandeza cantora distincta, madame Gegout, uma esculptora laureada pelo *Salon*, uma senhora ingleza, cujo nome não me occorre n'este momento, collaboradora do *Figaro*, e Elena Sanz.

Jeanne Thilda entrou. Vestia *cavalièrement* um paletot de panno escuro, trazia um chapéo redondo na cabeça loira, um lotro doirado que lhe emmoldurava docemente o rosto pallido, um pouco fatigado, onde brilhavam dois olhos azues, scintillantes de *verve*.

Madame de Rute, que me ouvira repetidas vezes fallar da illustre chronista do *Gil Blas*, pegou-lhe na mão, approximou-se, e com o seu fino tacto de dona de casa, enlaçando e identificando todos que a cercam na corrente magnetica de que ella é o foco, apresentou-nos uma á outra, dizendo-me:—*Voilà votre Jeanne Thilda*; e a ella:—*Mademoiselle Torrezão, votre traducteur en Portugal.*

Jeanne Thilda enfiou-me o braço, arrastou-me para um sofá, e uma vez ahi, esquecendo-se de tudo que a rodeava, agradeceu-me com effusão as minhas pobres traducções, de um valor nullo para a sua gloria de escriptora franceza, lida e apreciada em todos os paizes, captivou-me com a vivacidade da sua conversação ardente e delicada, com o esfuziar da sua palavra colorida e rapida como um fogo de artificio.

Em seguida, offereceu-me o seu retrato, o cartão album que estive contemplando ha pouco, e ali mesmo escreveu no retrato: «*A madame Guiomar Torrezão, reconnaissante et vive sympathie de Jeanne Thilda.*»

Camille Delaville interrompeu o nosso dialogo com um convite para jantar em casa d'ella, no dia immediato, onde deveriamos reunir-nos. *Jeanne Thilda* acceitou, encantada.

Pouco depois, D. Luiz de Rute apresentou-lhe Elena Sanz.

A grande cantora hespanhola lembrou á illustre chronista franceza o dia em que se tinham encontrado ambas, no enterro do redactor em chefe do *Gil Blas*, fallecido havia uma semana.

Elena Sanz descreveu a profunda impressão que deixara no seu espirito o aspecto de *Jeanne Thilda*, debulhada em lagrimas, soluçando, ajoelhada no cemiterio, com um chapéo preto com flores amarellas. Elena Sanz parecia ligar um extraordinario apreço á anthithese que resultava entre essa dor negra, como os crepes mortuarios, e essas flores amarellas ..

Jeanne Thilda abraçou-a e disse que a affectuosa alma de Elena se revelara na finura d'essa observação. Confesso que fiquei sem perceber o que ambas tinham no pensamento. E' possivel que reciprocamente lhes succedesse outro tanto. Mas tudo isto foi dito com espirito, com o deslumbrador brilho da phrase parisiense, lançada *à toute volée*.

No dia seguinte, quando me dispunha a ir ter o prazer de jantar ao lado de *Jeanne Thilda*, uma carta trouxe-me a triste noticia de que a autora dos *Froufrous* estava de cama, prostrada pela recrudescencia da implacavel doença que havia annos a devorava lentamente, murchando-lhe a flor da mocidade, sequestrando-a á convivencia da sociedade, onde a sua apparição deixava sempre um rasto luminoso, uma vaga fragancia de jardim, arrancando-a descaroavel ao trabalho, á gloria, aos triumphos do jornal, do livro e do salão, e impellindo-a dia a dia para a noute eterna da sepultura, onde Jeanne Thilda acaba de desapparecer em todo o vigor da idade e do talento!...

Silvestre escreve no *Gil Blas* de 18 de maio um commovente artigo, inspirado pela saudade que *Jeanne Thilda* deixa no coração de todos que a conheceram, e mesmo no d'aquelles, que como eu, a viram uma unica vez.

Eis aqui como Silvestre abre a piedosa homenagem, prestada á sua pobre collega morta:

«As letras acabam de soffrer uma perda que todos os delicados sentirão dolorosamente; a morte roubou-nos a todos nós, escriptores do *Gil Blas*, uma collaboradora cheia de talento, uma amiga cheia de coração, a melhor e mais sympathica que possuiamos.»

Referindo-se aos *Froufrous*, Silvestre ácrescenta:

«Uma maravilha, esse pequeno livro impregnado de paixão delicada e de modernismo vibrante, obra feminina pela espontaneidade das impressões, obra viril pela firmeza da execução;

mixto singular de ideal e de fantasia, expressão sincera de uma alma apaixonada pelo Bello, sedenta de infinito, simultaneamente crente e sceptica, amando a vida e pensando já na morte. Jeanne Thilda sabia descrever o amor com uma audacia discreta, com a intuição serena e commovida dos seus jubilos e torturas, com uma suave ironia onde se sentia o perdão dos soffrimentos passados, a sensibilisadora melancolia da mulher que só conheceu do amor a sua essencia superior e os seus immortaes sonhos do infinito.»

Mais adiante, Silvestre diz:

«Tracei o seu retrato aqui mesmo, na epoca em que a conheci.

»Jeanne Thilda possuia n'esse tempo, sob o reflexo de oiro dos seus cabellos loiros, o brilho de um Rubens descido da tela, a frescura do sangue moço impregnando a carne lirial, distinctivo da belleza das mulheres do Norte, nos seus olhos azues pareciam scintillar gottas de orvalho, o seu sorriso tinha o purpureo fulgor do sol illuminando a neve. Tudo respirava n'essa mulher a saude robusta, que desafia a obra perfida do tempo.

«Mentira do destino!»

Gambetta foi um dos dedicados amigos e dos fieis admiradores da insigne contista. A singular intuição atheniense d'esse grande domador da palavra deleitava-se na convivencia intellectual da mulher superior, que Gambetta admirava com todos os enthusiasmo da sua natureza expansiva e generosa.

Jeanne Thilda partiu para o cemiterio cercada de numerosos amigos, envolvida na effusão da ultima caricia gotejante de lagrimas, coberta de flores e de coroas.

A sua doce alma, vibrante de sensibilidade, adorava as flores e particularmente os lyrios.

Sempre que a subtil artista, de uma graça tão intimamente feminina, se referia a esses sorrisos da natureza,—as flores,—a sua penna desentranhava se em matizes e perfumes.

Os lyrios envolveram o corpo da pobre amiga que tantas vezes descrevera a belleza da sua gloriosa alvura, casta como o pensamento de uma virgem.

Em um dos seus livros, *Jeanne Thilda* escrevera:

«Por um bello dia de verão, quando os jardins são ramilhetes, quando flechas de oiro se cravam nas folhagens e as rosas evolam os seus perfumes como thuribulos... A alma illumina-se, o hymno resoa, dir-se-hia que as flores enviam canticos a alguma cousa de supremo, que fluctua no alto.»

Foi, effectivamente, em um bello dia de verão, exuberante de luz e de flores, que a alma de Jeanne Thilda desprendeu o seu ultimo vôo!

Referindo-se, em algumas palavras sentidissimas, á prematura morte da brilhante collaboradora do *Gil Blas*, *Colombine* recorda os versos dos *Froufrous*, em que Jeanne Thilda, allude ao doloroso segredo do seu coração, e exprime o seu derradeiro voto. Eil-os:

J'ai renfermé dans un coffret,
Une humble fleur toute fanée,
Et, sur la serrure à secret,
J'ai gravé le mois et l'année.

Le myosotis est la fleur;
Mais je l'ai tant et tant baisée,
Qu'elle en a perdu sa couleur,
Et que mon âme s'est brisée!

Quand je verrai la mort venir,
Qu'on ouvre le coffret de rose,
Et, sur ma lèvre à jamais close,
Qu'on mette le cher souvenir!

Puis, quand je serai dans la bière,
Clouée en l'éternel trépas,
Plantez tout autour de ma pierre
La fleur qui dit: N'oubliez pas!

Pobre Jeanne Thilda!...

Mal pensava eu, quando ha um anno te apertei a mão em Paris, que tão cedo viria depor sobre a terra onde dormes para sempre, a triste flor roxa, designada pela palavra exclusivamente portugueza: a *saudade!*

GUIOMAR TORREZÃO.

DESEJO

A R...

Quando, ás vezes, de manhã,
Divago pela campina,
E n'uma rosa louçã
Vejo uma abelha ladina,

Sinto um immenso pezar:
Não ter a sorte da abelha...
P'ra ir, zumbindo, poisar
N'essa boquita vermelha.

Castello Branco—Abril—1886. ROBINSON.

AS NOSSAS GRAVURAS

A MÃE E AS FILHAS

(Rochedos do mar Polar)

No cabo Norte, no mar Polar, ha um penedo enorme, a que chamam o *Frade*, e perto d'este existe um grupo de ilhotes, em que os marinheiros julgam ver uma *Mãe rodeada das suas filhas*, Presenceia'as atravez os nevoeiros, estas massas de pedra colossaes tomam aspectos magicos. Raras vezes se deixam ver, porque as nuvens de verão e as neves d'inverno encobrem os seus encantos aos pescadores; mas quando se mostram por entre os raios do sol, os marinheiros supersticiosos saudam-n'as com cantos d'alegria, ficando então crentes de que a viagem será feliz e de que os espera uma abundante colheita de pelles e peixe.

OS IRMÃOS DA PRINCEZA AMELIA D'ORLÉANS

Principe Luiz de Orléans—Princeza Helena—Princeza Maria Izabel—Princeza Luiza Francisca

O duque de Orléans, principe Luiz Philippe Roberto de Orléans, nasceu a 6 de fevereiro de 1869. E' alto, esvelto e espirituosissimo.

A princeza Helena Luiza tem 15 annos, e assimelha-se muito no phisico, segundo dizem, á duqueza de Montpensier, sua avó materna.

São ambos extremamente affaveis de maneiras, e d'uma amabilidade encantadora.

A princeza Maria Izabel tem oito annos, e a princeza Luiza Francisca, quatro annos apenas.

Em tão curtas edades, não ha ainda biographias a fazer, mas simplesmente a apresentação d'uns rostos encantadores de creanças.

A TRAZEIRA DO COCHE DE D. JOÃO V

A nossa gravura representa a trazeira do coche chamado de D. João V, um dos onze que ultimamente figuraram no cortejo nupcial do principe D. Carlos.

Este esplendido coche foi mandado construir pelo rei *Magnanimo* em 1705; é forrado de velludo carmezim interior e exteriormente, e tem, na trazeira, como se vê da nossa estampa, esculpturas magnificas em madeira, executadas por artistas portuguezes de grande nomeada.

O coche de gala de D. João V é um dos mais ricos da Casa Real.

OS CONDES DE PARIS

O sr. conde de Paris, chefe da casa de Orléans, nasceu no palacio das Tulherias a 24 de agosto de 1838, e é filho primogenito do malogrado duque de Orléans. Educado por sua mãe, a sr.ª duqueza de Orléans, sob os mais rigidos principios, bem cedo começaram para elle as provações e os revezes.

Tinha apenas dez annos quando foi deitada a terra a Monarchia de julho. A viuva duqueza de Orléans, pretendendo empregar um derradeiro esforço para salvar o throno do filho, levou o principe pela mão, á Camara dos deputados; mas a tempestade

CONDE DE PARIS

CONDESSA DE PARIS

popular seguiu atraz d'ella, rugindo, e foi com grande custo que o conde de Paris e sua arrojada mãe poderam salvar-se dos impetos populares.

Tiveram de se acolher ao palacio dos Invalidos, e ali estiveram ainda dois dias, tendo afinal de optar pelo exilio, diante da hostilidade popular, sempre crescente.

Foram para Inglaterra, onde estavam tambem exilados os reis, seus avós. A duqueza de Orléans estabelecia-se mais tarde n'uma pequena casa em Richemond, nas margens do Tamisa, a algumas leguas de distancia de Londres.

Uma guerra civil trazia em perigo a existencia da confederação dos Estados-Unidos, e outra idéa mais levantada e nobre estava na tela da discussão:—a abolição da escravatura. O conde de Paris poz lealmente a sua espada ao serviço d'esta causa santa.

Regressou o conde de Paris em 1862 a Inglaterra, e a 30 de maio de 1864 desposava a princeza Isabel de Orléans, sua prima, filha do duque de Montpensier.

Entrando n'uma vida menos agitada, e vivendo n'um foco industrial como é a Inglaterra, o conde de Paris sentiu-se attrahido pelos estudos economicos, e em 1868 publicava, sobre a organisação e historia das sociedades, um livro muito interessante, onde se mostra um partidario convicto da liberdade politica.

Em Inglaterra, depois de casado, fixára o conde a sua residencia em York-House, na cidade de Twickenham, não muito longe de Orléans-House, residencia do duque de Aumale.

Ali esteve até regressar á patria; ali lhe nasceram quatro filhos e ali, finalmente, começou a sua Historia da guerra civil na America, muito exacta e abundantissima em factos. Esta obra ficou concluida ha perto de tres annos.

Em 1871 eram-lhe abertas as portas da França, e a Republica dava lhe posse, como aos seus parentes, dos bens que em 1852 lhes haviam sido confiscados.

Foi assim que entrou de novo na posse do castello d'Eu, onde passou a viver, e d'onde partiu em 1873, para visitar o conde de Chambord, realisando com elle a conciliação desejada. Reconhecendo porém os direitos do conde de Chambord, declarou, que não renegava os seus principios liberaes.

Em Eu tem passado serenamente os ultimos annos, entregue ao estudo, ao trabalho e á educação de seus filhos.

A sr.ª condessa de Paris é conhecida e amada pelas suas virtudes, como pelas qualidades do seu espirito.

Rodeada da prole amantissima, que educa na perfeição e nos mais rispidos principios, a distincta senhora tem o culto sagrado da familia, sendo exemplo de mães e de esposas.

PALACIO DO MONTEIRO-MÓR, NA QUINTA DO LUMIAR

A quinta do Lumiar é uma das vivendas mais magestosas e aprasiveis dos arredores de Lisboa.

Alamedas sem fim, arvoredos frondosos, arvores seculares, estufas ornadas de plantas raras, flôres e relva por toda a parte, eis o que se vê n'aquella quinta, que é visitada constantemente por estrangeiros e nacionaes.

A quinta do Lumiar é actualmente dos srs. duques de Palmella, a quem pertenceu por herança do sr. conde da Povoa, avô materno da actual duqueza.

Além do palacio principal, residencia principesca, onde o primeiro e segundo duques de Palmella deram bailes que ainda hoje são recordados com saudade pela nossa primeira sociedade, ha no centro da quinta um outro, de construcção mais ligeira e de dimensões muito menores, chamado o palacio do Monteiro-Mór.

E' esse palacio que a nossa estampa representa e é n'elle que os actuaes duques residem, sempre que vão passar alguma parte do anno ao Lumiar.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

O preço d'este espaço de tempo é uma mulher—2—2.

Aqui, este appellido é fructo—1—1.

Lamego. A. D'AZEVEDO.

Este animal corre como um pirata—2—2.

Faro. J. P. VIEGAS.

Esta lettra d'aço faz soffrer este artista—1—2—1.
No alphabeto este signal é proveitoso—1—1.

J. M. J.

Todos teem no pinhal e no preto—2—2.
Atravessa e martyrisa este vaso guerra—2—1.
Esta bebida branca é uma fera—1—1.
Move-se esta mulher de Hespanha—2—3.

Braga. J. DIAS FERNANDES & C.ª

O meu parente, no Brazil, faz exercicio—2—1.

M. CUSTODIO RAMOS.

EM QUADRO

. . . . Este misero
. . . . Está no edificio
. . . . E na cama

. . . . E' doce
. . . . Esta mulher
. . . . Antes da Quaresma

Coimbra. ABRUNHOZA.

EM VERSO

Leitor: com facilidade
Encontras certo appellido,—1
E verás seguidamente
Um monte assaz conhecido.—3

Quando estiver decifrada,
(O que não é mui custoso),
Dirá então o leitor
Que achou um todo oloroso.

Esta por si nada indica,
Mas quem a vogal mudar,
Logo, logo, sem trabalho
Um adverbio ha de encontrar. 1

Não se troca consoante,
Nem mesmo lettra vogal,
Mantendo a pois inalt'ravel,
Encontra certo animal.—3

Agora, leitor amigo,
Sem troca alguma fazer
De vogal ou consoante,
Um nome proprio ha de ver.

MATHEUS JUNIOR.

Logogriphos

(A João Carlos Monteiro Torres)

Jogo sou e um vegetal,—1—4—5—4
Assim como este animal—3—9—3—2
E' tambem do mar um peixe:—5—4—1—6—4
Molho sou ou sou um feixe—1—9—4
Dilatado, largo, ou vasto,—10—8—3—1—4
E tambem sirvo de pasto;—8—2—1—6—4
Posso até levar-te á cova—5—7—3—6—4
Podendo ser velha ou nova.—5—9—10

Que conceito devo dar?
Ah! já sei! E' termo medico,
P'r aqui o podes matar.

Leiria. IGNACIO V. D'AZEVEDO.

7, 9, 1, 3, 8, 9 — Verbo — 7, 8, 9, 2, 1, 9
3, 4, 9, 1, 9 — Verbo — 9, 5, 3, 8, 9
1, 3, 8, 9 — Verbo — 3, 4, 5, 9
7, 5, 9 — Verbo — 2, 1, 9
1, 9, 1, 9 — Verbo — 2, 4, 8, 9
2, 4, 3, 8, 9 — Verbo — 7, 4, 6, 1, 9
1, 2, 4, 9, 1, 9 — Verbo — 9, 1, 7, 5, 1, 9

Verbo

Lamego. A. D'AZEVEDO

Problema

Dividir 39 em quatro partes taes, que a primeira augmentada de 1, a segunda diminuida de 2, a terceira multiplicada por 3 e a quarta dividida por 4, dêem resultados eguaes.

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: — Rosario—Julia—Alca—Mitu—Calmar—Fefe—Pegallor—Fiatola
DAS CHARADAS EM VERSO: —Penafiel—Lamarosa.
DA CARTA ENIGMATICA: —Viriato Rocha.
DOS LOGOGRIPHOS:—Emiliano - Saxifragia.
DO PROBLEMA DO N.º 44:—3211 metros.

A RIR

Um bacalhoeiro de lettras gordas, horrendo e velho, desposa uma rapariga gentil, e passada a lua de mel, entrega-lhe a escripturação da casa, - como medida economica, dizendo:

—Repara bem, minha filha, que tens de fazer tudo por partidas dobradas.

No fim d'um anno, a cara metade é apanhada pelo sordido bacalhoeiro em flagrante delicto d'infidelidade conjugal.

Cornelio,—a victima chamava se Cornelio,—faz um barulho enorme: berra, enfurece-se, gesticula.

A esposa, respondendo áquella feroz indignação, diz lhe apenas, com a maior naturalidade d'este mundo:

—Não me recommendaste tu que fizesse tudo por partidas dobradas?

*

A' sahida do Gremio:

—Tu não me dirás o que tinha X...? Estava furioso!

—Admiras-te?! E' sempre assim quando perde, aquelle animal!...

—E quando ganha?

—Peior ainda! Imagina logo que a mulher o engana!...

*

Censuravam asperamente uma viuva sexagenaria, por ter ainda as suas pequeninas fraquezas, e não querer renunciar de vez aos prazeres mundanos.

—Na sua edade, marqueza, ter ainda um amante!... Oh!...

—Eu acho-lhes, realmente, graça! respondeu ella, sorrindo. Como se não fosse o inverno a estação em que todos procuram aquecer-se! ..

*

N'um café:

—Com que, então, teu pae deu agora em dissipar tudo quanto tem?!

—E' verdade, meu amigo, succede-me essa grande fatalidade. Se aquelle homem não tivesse vindo ao mundo, possuiria eu agora uma fortuna enorme!...

UM CONSELHO POR SEMANA

A tizana de violetas emprega-se com grande exito contra as constipações. O cosimento das raizes d'esta planta possue propriedades muitos activas: é ligeiramente emetica e facilita a expectoração.

Fazem se ferver as raizes (20 grammas n'um litro d'agua) durante meia hora, e junta-se ao cosimento um pouco de leite.

EXPEDIENTE

O conto que hoje publicamos, sob o titulo *Bonheur passe richesse*, foi-nos offerecido por uma gentil dama da nossa sociedade elegante, que, com elle, faz a sua iniciação nas lettras.

Como os leitores verão, a estreia não podia ser mais brilhante.

A nossa adoravel e distincta collaboradora não nos authorisou, por emquanto, a revelar-lhe o nome, mas contamos poder fazel o dentro de breve espaço.

*

Damos, tambem, n'este numero, uns deliciosos versos do illustre professor da Universidade, e não menos illustre poeta, dr. Bernardo de Madureira, que promette ser, para o futuro, nosso collaborador assiduo.

BONHEUR PASSE RICHESSE

O conde montava o seu lindo cavallo alazão, comprado dois annos antes, e que, apezar de ser ainda quasi um poldro, fazia a admiração dos entendedores pela correcção das suas linhas, promettendo vir a ser um soberbo animal. A condessa montava o *Lion*, um sete oitavos todo preto, mais fino e mais bonito do que a maior parte dos *thourough bred*.

Era um par muito distincto.

Elle parecia ter os seus trinta e cinco annos, et estava tanto á vontade em cima do cavallo como sobre qualquer cadeira dos salões. Montava com suprema elegancia. Era pallido, tinha olhos cansados de grande *rareur*, e apertava, nos beiços delgados e sem côr, um grosso charuto havano. Usava bigode e barba cortada muito curta, acabando em forma ponteaguda, á moda de Francisco I.

Ella era uma lindissima mulher de vinte e oito annos, perfil fino e melancholico, grandes olhos pretos de pestanas reviradas, e bocca fresca e pequena, que, ao abrir se, deixava ver uns dentes muito brancos. A casaquinha de panno azul escuro modelava-

lhe correctamente o busto, que era uma perfeição: peito alto e arredondado, cintura delgada, e as ancas bem accentuadas, sem comtudo serem demasiado grossas. Os movimentos do cavallo imprimiam-lhe ondulações graciosissimas, e era um gosto vêl-a, tão fina e airosa, com o seu chapéo alto de amazona, governando um animal que nenhum gigante poderia conter, se elle quizesse fugir.

A condessa é das raras senhoras de Lisboa que sabem montar a preceito. Para isso têem de certo contribuido muito, além da propensão natural d'ella, as lições do marido, que é um *sportman accompli.*

Elles tinham resolvido ir passar o mez d'agosto na sua quinta da estrada de Collares. E' uma grande propriedade, com um palacio velho e meio arruinado, e matta que se estende pela serra acima. A condessa acha aquillo tudo muito triste, por isso raras vezes lá vae; e as salas, que conservam ainda a sua mobilia *premier empire* completa, mostram grandes nodoas de humidade nas paredes, e teem esse ar frio das casas por longo tempo deshabitadas.

Os mochos esvoaçam á tarde, soltando os seus pios lastimosos, perto das grandes janellas de vidros pequenos, e o vento vem de vez em quando sacudir os troncos das arvores, cobertos de musgo, e murmurar entre a folhagem aquelle ruido cheio de tristeza que se casa tão bem com o coaxar das rãs pelas noites de luar.

Mas o mez d'agosto, com as corridas, os pic-nics e as *soirées*, promettia tornar uma estada em Cintra menos monotona; e, fugindo ao calor, os condes tinham vindo animar por algumas semanas a solidão do seu palacio. As *chaises-longues* e os *poufs*, os fios de seda dos bordados da condessa espalhados pelo chão, e os *carcels* com os seus *abat-jours* japonezes, contrastavam temporariamente com a severidade da grande sala e dos moveis brancos e doirados.

Depois do jantar, tinham ambos elles appetecido um passeio a cavallo. O conde fumava ainda o charuto que principiara ao café.

A tarde estava quente e os pinhaes exhalavam um forte cheiro resinoso que se misturava com o do matto, e que fazia bem aos pulmões. O sol, quasi a pôr-se, ensanguentava o horisonte com o seu grande clarão afogueado, e parecia um enorme balão vermelho suspenso no nevoeiro por cima do mar, emquanto que, do outro lado, a lua nova recortava, por cima do Castello dos mouros, os seus bicos recurvados. De vez em quando, um passaro, assustado pelos passos dos cavallos, levantava o vôo e ia esconder-se mais longe, soltando pios inquietos. Ouvia-se o guinchar dos carros de bois, ao longe, e os chocalhos dos rebanhos que recolhiam aos casaes.

A'quella hora, em tardes de verão, a estrada que vae de Cintra a Collares é excepcionalmente formosa, e a condessa, com os olhos vagamente perdidos no horisonte, parecia pensar n'isso mesmo.

Nos cantos da sua bocca tão mimosa, tinham-se accentuado duas preguinhas, que lhe davam um certo ar de tristeza, ás vezes parecido com a expressão aborrecida de quem está enfastiado de viver.

Ella continuava a pensar, e sem saber porque, pouco a pouco todo o seu passado deslisou diante de si, como as vistas d'uma lanterna magica. Via-se muito pequena, a brincar no jardim, com o cabello cahido em caracoes, e um grande cinto escarlate a enfeitar-lhe o vestido. Depois, sem transição, era o primeiro baile, a vertigem da walsa, o cheiro das flores, o deslumbramento das luzes, e o acordar d'esse sentimento que mais tarde havia de absorvel-a tanto, e que se chama a vaidade. Depois ainda, via-se noiva, cheia de illusões, querendo convencer-se de que havia de ser muito feliz, e depois... depois... acordava de tudo como d'um sonho, e cahia na realidade da sua vida monotona de *blasé*, sem uma unica sensação que tivesse o poder de a sacudir d'aquelle lethargo. Ouvira tantas declarações d'amor, gastara tanto dinheiro, tinha tantas vezes esmagado, com as suas *toilettes* e a sua grande belleza, rivaes desesperadas, estava tão farta de bailes e de festas, viajara tanto, que já lhe não restava nada novo que experimentar.

E, insensivelmente, olhou de revez, com a expressão de um desprezo profundo, para o perfil cansado e anemico do marido, que continuava a fumar, pensando áquella hora nas ultimas corridas, e que costumava emittir a sua opinião a respeito da belleza d'uma mulher nos mesmos termos em que fallava d'um cavallo.

De repente, na volta da estrada, alguns passos adiante dos dois cavalleiros, appareceram os vultos d'um homem e d'uma mulher, estreitamente enlaçados.

Ella era uma rapariga muito nova ainda, vestida de chita côr de rosa. Trazia a cabeça descoberta, porque deitara para traz o lenço, por causa do calor; o seu cabello loiro, dividido ao meio da testa por uma risca estreitissima e branca, entrouxava-se por cima da nuca em grandes molhos de tranças doiradas. O vestido deixava adivinhar, apesar do seu corte mal feito, o corpo delgado e de formas ainda pouco accentuadas; e das mangas um pouco curtas sahiam as mãos queimadas pelo sol e engrossadas pelo trabalho, apesar de pequenas, e os pulsos delgados, cuja pelle ia embranquecendo á medida que subia para os braços.

Tinha o ar timido e embaraçado, e dava o braço a um mocetão de jaleca e varapau, dois palmos mais alto do que ella.

Atraz, caminhavam mais duas mulheres de meia edade, que pareciam vir ali para fazer a decencia.

Antes que elles vissem apparecer as orelhas dos cavallos, o rapaz, aproveitando a volta da estrada, que o escondia por um instante das duas velhotas, curvara-se sobre a bocca vermelha da rapariga, e davalhe um grande beijo. Mas, ou porque essa operação se prolongasse um pouco mais do que devia, ou porque os passos dos cavallos, sobre a poeira da rua, se não ouvissem, os condes acharam-se cara a cara com os dois camponios, no momento em que elles se osculavam. A rapariga fez-se muito encarnada, e baixou os olhos timidamente.

Elle coçou a cabeça um pouco atrapalhado, mas com ar de quem diz com os seus botões que não fôra nenhuma asneira o furto d'aquelle beijo.

Os dois cavalleiros sorriram-se, e logo que passaram para diante, o conde disse, expellindo uma grande baforada de fumo do seu charuto:

—Que bons typos!

—Pareciam tão felizes! redarguiu a condessa muito baixinho, e já sem sorrir.

Tinham-lhe tornado a apparecer as taes preguinhas dos cantos da bocca.

—Ora, felizes, pobres brutos! Não sabem o que é viver. Pergunta-lhes lá se alguma vez gosaram o aroma d'um bom charuto, ou se deram, como nós, um bello passeio em magnificos cavallos...

A condessa calou-se. Com a *badine* que trazia na mão, deu uma grande chicotada na folhagem dos sobreiros, que quasi lhe tocavam o chapéo, e os cavallos, que não esperavam aquelle movimento, estremeceram e arrebitaram as orelhas, emquanto uma chuva de fragmentos de folhas verdes cahia pelo chão.

Ella continuou sem responder, e não disse que daria de boa vontade os seus cavallos, os seus lindos palacios de Lisboa e de Cintra, as suas *toilettes* sumptuosas, e os seus brilhantes, que eram a admiração e a inveja das suas amigas, para ser, por um momento, aquella rapariga de vestido de chita côr de rosa!

X.

PALACIO DO MONTEIRO-MÓR, NA QUINTA DO LUMIAR

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA